



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **FOTOGRAFIA PARAENSE: TRAJETÓRIDA DE GUY VELOSO**

Thiago Guimarães Azevedo<sup>1</sup>

UFPA

Fernanda Lima da Silva<sup>2</sup>

UFPA

Victória Letícia Teixeira Monteiro<sup>3</sup>

UFPA

Ferdinando de Freitas Magalhães<sup>4</sup>

UFPA

### **Introdução:**

A expressão cultural paraense é extremamente forte e diversificada, tanto nos seus gestos, pessoas e costumes, quanto visualmente no sentido de dar à fotografia um amplo conteúdo para desenvolvimento de temas e percepções estéticas. Com isso, é natural que haja a necessidade de se compreender esses conteúdos enquanto arte e explorá-los em prol do reconhecimento e perpetuação das características mais intrínsecas dessa cultura. Assim, pode-se encarar a fotografia, considerando seus aspectos artísticos e toda a poética envolvida como um desses grandes expoentes.

Para tanto, em nome desse segmento, inúmeros indivíduos seguem uma espécie de “ciclo da vida”, onde o interesse pela fotografia enquanto técnica e poética surge e a fotografia enquanto objeto/representação da realidade nasce, desenvolve-se, reproduz-se e, ironicamente, não morre como exemplifica Sontag (1977, p. 8) quando diz que “as fotos, que brincam com a escala do mundo, são também reduzidas, ampliadas, recortadas, retocadas, adaptadas, adulteradas. Elas envelhecem [...], desaparecem, tornam-se valiosas e são vendidas e compradas; são reproduzidas.”. Ou seja, ainda que o processo primitivo da fotografia sofra alterações ao decorrer dos acontecimentos, ele ainda se perpetua na forma de objeto pictórico, com preços e valores agregados de acordo com as experiências vividas pelos indivíduos envolvidos e seus espectadores.

Levando isso em consideração, a ideia de reconhecimento e perpetuação da cultura a partir de características em comum desses “agentes fotográficos” se mostrou relevante

---

<sup>1</sup> azevedothiago81@gmail.com

<sup>2</sup> fernanda09lima@hotmail.com

<sup>3</sup> victorialmonteiro@gmail.com

<sup>4</sup> ferdmagalhães@gmail.com



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

para o início de um agrupamento de experiências, objetivos e filosofias que estivessem incorporados ao cenário artístico paraense, focando na fotografia. Para tanto, houve a identificação de alguns indivíduos expoentes nesses quesitos que representassem a fotografia enquanto poética de maneira bastante explícita. Assim, o nome do “jovem” fotógrafo documental Guy Veloso surgiu, pois leva ao espectador, através de seus trabalhos, grandes descargas emocionais, cheias de realidade e percepção de momento, sempre levando em conta pontos mais estéticos e antropológicos do que técnicos..

### **Metodologia**

O projeto se utilizou de métodos que possibilitassem o reconhecimento da realidade extra narrativa, considerando assim a história de vida, relatada como ela é, proporcionando uma “resignificação” das pontuações durante a oralidade. Em nome disso, Chauí (1973, p. 20) sugere a própria reconstrução dos fatos, interpretando a lembrança não como uma repetição do momento, mas justamente como algo sendo feito. Assim, consegue-se obter mais profundidade nos relatos, buscando aspectos intrapessoais do entrevistando, resgatando momentos mais sujeitos a interpretações, possibilitando ao indivíduo liberdade para relatar suas experiências e julgamentos.

Prodanov e Freitas (2013, p. 70) afirmam que há “um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Portanto, optou-se por utilizar de métodos que traçassem essas perspectivas qualitativamente, colocando sujeito pesquisado e pesquisador em um ponto de sua relação contribui para a coleta de dados, gerando essa troca de vivências e informações.

Com isso em mente, as informações sobre as experiências de Veloso, pontos de vista e realidades foram coletadas através de participações em eventos onde o artista se apresentou e entrevista individual realizada com o mesmo no dia 06 de Outubro de 2017, de maneira fluída e descontraída.

### **Resultados e discussão**

Nascido em Belém do Pará, ao dia 22 de outubro de 1969, Guy Veloso (figura 1) é um renomado fotógrafo documental. Iniciou sua carreira artística aos 18 anos quando, ao sentir-se pressionado pelo formalismo da faculdade de Direito que fazia, decidiu fazer um curso de fotografia. Segundo o próprio em entrevista (apêndice 1), aquilo serviria como uma “válvula de escape”. A partir daí, sua carreira no mundo da fotografia tomaria rumos que nem ele mesmo imaginaria. Para tanto, no ano seguinte ao curso, ele realizou sua primeira exposição.

Ao descobrir sua vocação para aquilo e começar a trabalhar artisticamente, pelo final da década de 1980, Veloso demonstra como o início da carreira se mostrou bastante



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

difícil e, para financiá-la, precisou seguir com outros empregos além da fotografia. Mas somente anos depois pôde, finalmente, manter-se exclusivo ao seu ofício fotográfico. Ele cita esse ponto de mudança em sua vida como sendo entre 2010 e 2012, quando participou de uma edição da Bienal de São Paulo e, a partir disso, passou a ser chamado para outras exposições e fazer outros tipos de trabalho, como palestras e cursos.

Mas trazendo de volta para o início de sua carreira, coincidentemente o início da era digital da fotografia, Veloso mostrou-se saudosos aos equipamentos da época e falou sobre as complicações que a mudança lhe trouxe e considerando que “a analógica dá um resultado melhor”, segundo suas próprias palavras. Ele afirma, também, que prefere que tivesse continuado a usar as câmeras analógicas, mas que não o faz por conta dos preços elevados dos materiais utilizados por ele.

Essa preferência pela fotografia analógica em detrimento da digital pode ser bem vista como as escolhas estéticas de Veloso e como isso influencia em seu trabalho até hoje, inclusive, pois ele também afirma que, mesmo fotografando com a digital e não tendo muita afeição pelo processo de pós-produção da imagem (edição), ele ainda faz pequenas alterações para que as cores se assemelhem aos resultados dos filmes que utilizava. E isso traz à tona uma importante discussão sobre a transição da fotografia analógica para a digital, onde fotógrafos tradicionais costumam alegar “que a fotografia digital não inspira confiança e que as imagens armazenadas em disco virtual podem ser apagadas com facilidade” (OLIVEIRA, 2006, p. 4).

Considerando isso, é possível fazer essa relação de confiança à estima que Veloso busca trazer em seu trabalho ao se aproximar espontaneamente do objeto fotografado, sempre com o background da pesquisa. Ele cita, na entrevista, como não consegue fotografar algo que não tenha intimidade, pois “ela (a fotografia) é muito íntima, não só nesse ponto de estudo, como no ponto de chegar muito próximo das pessoas que eu tô fotografando”, segundo o próprio.

Assim, levando em conta o trabalho realizado pelo fotógrafo pesquisado, que tem como cunho principal o religioso, torna-se constatável na afirmação de Sontag:

Como um par de binóculos sem um lado certo e outro errado, a câmera torna próximas, íntimas, coisas exóticas; e coisas familiares, ela torna pequenas, abstratas, estranhas, muito distantes. Numa atividade fácil, formadora de um hábito, ela oferece tanto participação quanto alienação em nossa própria vida e na dos outros — permitindo-nos participar, ao mesmo tempo que confirmamos a alienação. (SONTAG, 1977, p. 93)

É possível observar essa afirmação, por exemplo, no projeto “Penitentes: dos Ritos de Sangue à Fascinação do Fim do Mundo” de Veloso, apresentado na 29ª Bienal de São Paulo, onde ele busca retratar a existência de grupos cujas tradições místicas e de pouco conhecimento que ocorrem em todo o país, mas principalmente no sertão. Para



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

tanto, o autor busca levar ao espectador em suas obras a sensação de presença no momento da captura da imagem para que, em vez de se assustar com aquelas atividades “exóticas”, o espectador tenha a sensação de presença e se sinta incluído no ritual, segundo as palavras de Veloso.

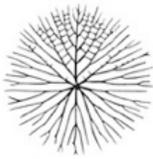
Já considerando as aplicações desses conceitos na fotografia de Veloso, nota-se, então, a presença de elementos estéticos que buscam justamente fazer essa integração entre momento de captura (do fotógrafo) e de observação (do espectador). Com relação a isso, o pesquisado conta sobre suas referências, advindas da pintura clássica, como Rembrandt, com um tom mais obscuro e incidente ao personagem; da fotografia tradicional, como Cartier Bresson, trazendo o instinto documental; do regionalismo, através da lente de Luiz Braga e dos filtros socais de Miguel Rio Branco e muitos outros. E levando em conta as características desses indivíduos, é possível gerar o estilo proposto por Veloso, que impõe muito movimento ainda que haja um foco definido (o personagem) e cores bem marcadas e contrastantes; a ideia de retratar grupos marginalizados ao ponto de agir em sigilo; e de trazer a tão íntima relação do espectador para com os objetos fotografados.

E num conceito semiótico bastante direto das fotografias, elas “indicam, apontam, para os objetos e situações fora deles que estão neles retratados” (SANTAELLA, 2005, p. 125). Portanto, seu forte aspecto indicial auxilia no trabalho de Veloso justamente no ponto em que ele quer registrar e compartilhar a existência dos indivíduos fotografados e sua cultura.

Dessa maneira, o que Veloso propõe com seu trabalho, é que haja, justamente, essa conexão entre ambos os indivíduos que ele contata enquanto fotógrafo. Tendo isso em mente, é fácil chegar ao assunto das redes sociais e como elas afetam aqueles que trabalham com fotografia. Sendo assim, na entrevista, Veloso foi questionado sobre quais seriam as principais influências das mídias sociais nesse ramo. Ele logo respondeu que são, certamente, a melhor forma de se divulgar o trabalho.

Essas colocações de Veloso podem ser consideradas uma espécie de adaptação do fotógrafo profissional a esse ambiente extremamente difusor de imagens, pois há o pensamento que no campo digital, a fotografia perde sua função documental (de memória) e passa a assumir outras funções (ALMEIDA, 2015, p. 30). Sendo assim, em vez de encarar as redes sociais como um agente inimigo de seu trabalho, Veloso optou por utilizá-las a seu favor, buscando alcançar pessoas que ele jamais alcançaria com exposições e divulgações tradicionais. É o que *ibid* chama de “democratização da fotografia”.

Além disso, ele também conta que se utiliza das redes sociais como ferramenta de “teste”, em suas palavras, para saber qual será a reação do público a determinadas fotografias, o que pode ser facilmente considerado uma espécie de “curadoria comunitária”. E entrando nesse assunto na entrevista, Veloso também opinou sobre o



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

exercício de um curador e da necessidade desse indivíduo em suas exposições. Contou como, ainda que o serviço de um curador não seja essencial para a ocorrência de uma exposição, tem preferência pela parceria com um. Ele cita como esse profissional não está emocionalmente envolvido com as experiências que geraram aquelas fotografias. Portanto, tem a capacidade de identificar as melhores obras independentemente do valor da vivência que o fotógrafo teve no momento da captura. Percebe-se, então, uma retomada ao sentimento mais intimista que ele acaba gerando com seus projetos a partir das pesquisas e o contato com os indivíduos e culturas fotografados por ele, trazendo novamente a importância dessa conexão.

### **Conclusões**

Essa pesquisa apontou como relevante a aproximação com os artistas que dialogam com a cultura e através dela, manifestam aspectos ligados à arte como foco de sua produtividade. Dessa forma, Guy Veloso cria uma conexão tríade, entre arte, fotografia e cultura por meio das manifestações religiosas.

No processo de história de vida, ao aprofundar sobre a experiência do fotógrafo, pode-se perceber atravessamentos entre outros atores na região, assim como também entender sua metodologia de aproximação e compreensão do seu tema, bem como, compreender suas escolhas estéticas na construção de sua poética.

Dessa forma, pode-se estudar a fotografia paraense mais a fundo, no que corresponde ao universo dos fotógrafos, visto que a imagem produzida na região possui como peculiaridade a relação entre os artistas e seus temas, criando um vínculo não somente de espectador, mas de muitas formas, como participantes do processo cultural.

**Palavras-Chave:** Guy Veloso, Fotografia, Religiosidade, Trajetória de Vida

### **Agradecimentos**

Agradecemos a FAPESPA por ter financiado esta pesquisa.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Júlia Ferreira de. A fotografia e as redes sociais. 2015. 77 f. Dissertação (Mestrado) - Comunicação e Semiótica, PUC, São Paulo, 2015. Disponível em: <[https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/4735/1/Julia\\_Ferreira\\_de\\_Almeida.pdf](https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/4735/1/Julia_Ferreira_de_Almeida.pdf)>. Acesso em: 30 abr. 2018

CHAUÍ, M. Apresentação: Os Trabalhos da Memória. In Bosi, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo: EDUSP, 1973

OLIVEIRA, Erivam M. de. Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital. São



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Paulo: BOCC, 2006.

PRODANOV, C; FREITAS, E. Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2ª Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. Semiótica Aplicada. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SONTAG, Susan. Sobre a fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.